

Memórias de gênero. A construção de uma *ídischkeit* imaginária no Brasil

*Joana Bahia **

A Associação Scholem Aleichem e a Casa do Povo

A Associação Scholem Aleichem (ASA)¹, instituição de cultura ídiche², foi fundada em 1964, a partir da Biblioteca Scholem Aleichem (BIBSA), criada em 1915 (e deslocada, em 1956, da Praça Onze para a Cinelândia), por imigrantes judeus da Europa Oriental, oriundos de uma imigração pós-pogroms ocorridos durante a guerra civil nas regiões do Império Czarista. Muitos deles vieram por motivos econômicos, mas, os principais fatores para o seu deslocamento foram as ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, a crescente ascensão do antissemitismo, e suas militâncias nos partidos comunistas e no *Bund*³ (Confederação Geral dos Operários Judeus de Lituânia, Polônia e Rússia).

Como ativistas da esquerda europeia e nacional, fundamentais na consolidação de redes de solidariedade e sociabilidade judaica, e com forte papel político na sociedade nacional, eles eram majoritariamente simpatizantes das causas sociais. Lutavam pela preservação de sua língua original (ídiche) e de sua cultura progressista, embora buscassem integração com o povo brasileiro em sua luta pela emancipação econômica, política e social.

Os articulistas do boletim da ASA possuem uma vasta rede de contatos internacionais, especialmente com as instituições que ainda compõem a Associação Cultural Judaica (ICUF ou YKUF – *Ídisch Kultur Farband*). Em junho de

* Doutora em Antropologia Social, Museu Nacional/PPGAS; Pesquisadora Associada ao Niem/IPPUR e prof^a. adjunta da UERJ.

1935, em Paris, foi realizado o congresso dos escritores antifascistas, conclamando os intelectuais de todo mundo contra a luta fascista. A parcela judaica ali presente, organizadora do evento de Paris, deu início à formação da ICUF, que seria responsável pela luta contra o antissemitismo, de acordo com as especificidades culturais de cada comunidade, buscando ampliar a cultura judaica laica progressista, visando a uma ideia de *justiça social e liberdade*. A ICUF ainda atua no Brasil (especialmente Rio de Janeiro e São Paulo), Uruguai e Argentina, sendo representada por instituições judaicas com um mesmo perfil de esquerda que a ASA. Tanto esta quanto o ICIB apresentam o mesmo perfil social e institucional, e pertencem à chamada ICUF, organização mundial criada em 1935.

Nos anos 1920, os judeus de esquerda, chamados de *roitiers* (vermelhos), haviam criado várias instituições com orientações políticas semelhantes, dentre as quais destaco aquelas situadas no estado do Rio de Janeiro: a Biblioteca David Frishman, em Niterói; o Colégio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem; a escola Israelita Brasileira Eliezer Steinberg; o Colégio Hebreu Brasileiro; a Cozinha Popular da Praça Onze – a Árbeter Kich (Cozinha do Trabalhador); o Socorro Vermelho Judaico (BRAZCOR); o Centro Obreiro Brasileiro Morris Wintschevsky; e a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas Froien Farain.

Em São Paulo, nos anos 1920, imigrantes oriundos do *Bund* fundaram, no bairro do Bom Retiro, o clube *Tsukunft* (futuro), que desenvolvia atividades culturais e políticas. Nos anos 1930, ele passa a se chamar *Yugend Club* (clube da juventude) e cria uma biblioteca, o grupo de teatro *Dramkrais* (grupo dramático) e o coro Schaeffer. Nos anos 1940, a entidade passa a se chamar Centro Cultura e Progresso, e constitui parte da ICUF. Em 1953, é inaugurado o prédio Palácio da Cultura, também chamado de *Casa do Povo*; isto é, o ICIB (Instituto Cultural Israelita Brasileiro), fruto de uma homenagem aos seis milhões de judeus vítimas do Holocausto.

Todas essas instituições possuíam periódicos⁴, fundavam suas próprias escolas e clubes, e também promoviam atividades (*leienkrais/círculos* de leitura e *dramkrais/círculos* dramáticos/grupos teatrais) que visavam não apenas à integração com as sociedades locais, mas ao aprimoramento cultural do ponto de vista do campo socialista. Os boletins da ASA, escritos até os dias de hoje, são parte de um legado de uma imprensa que abrange jornais como *Nossa Voz* e *O Reflexo*. Ambos são publicados em ídiche e em português, e produzidos pelos articulistas do ICIB e da ASA, entre 1940-1964, e entre 1947-1956, respectivamente. A base de inspiração cultural e política, para os articulistas de ambos os jornais – isto é, suas fontes de leitura e reflexão –, residia nos jornais de circulação internacional, especialmente aqueles escritos na língua ídiche, bem como nos jornais comunistas brasileiros. Também constitui parte deste legado a troca de informações entre a referida imprensa e aquela produzida na ICUF da Argentina e do Uruguai. Neste artigo, tratamos da vanguarda pedagógica presente na atuação de suas ativistas na formação do Colégio Scholem Aleichem, na cidade de São Paulo.

A importância das ativistas na construção de uma proposta escolar

Muitas mulheres se destacaram pela sua intensa participação política. Blay (1989) mostra que a perseguição a militantes e não militantes, como Rivka Gutnik e Jenny Gleizer, e seus familiares, resultou em mortes e deportações. Ser judeu significava ser comunista, sendo que Gleizer, que não era militante, foi tomada como tal por ser judia. No caso de Rivka, é relatada a invasão à Cozinha Operária (*Árbeter Kich*), que funcionava na Praça Onze, na cidade do Rio de Janeiro. Neste episódio, muitos judeus foram presos como comunistas pela polícia política de Getúlio Vargas, a partir de denúncia de um delator da própria comunidade. A autora mostra que os jornais da época, ao noticiarem as prisões, por vezes acrescentavam o apodo “judeu” ou indicavam algo com *Wolf*, o romeno, sem colocar o sobrenome, ou, ainda, sem definir a nacionalidade (cf. *Op.cit.*, p. 114).

Não obstante a importância das mulheres, na luta armada e na participação política mais ampla, elas também foram fundamentais na construção de uma rede de colaboração aos refugiados de guerra, sobretudo, às viúvas e às crianças, e, especialmente, na formação de uma rede de ensino, além de demais atividades dessas instituições.

A Associação Feminina Israelita Brasileira, AFIB, antiga *Vita Kempner* (luta da vida), foi criada por um grupo de mulheres imigrantes, detentoras de uma forte consciência política formada; nem todas eram ligadas ao movimento comunista, mas sim, atingidas pelo fascismo europeu depois da Primeira Guerra Mundial. Esse grupo se reunia com o objetivo de colaborar com o empreendimento da Cruz Vermelha em socorro às vítimas da Guerra. Buscando dar continuidade ao trabalho de solidariedade aos órfãos e mutilados do pós-guerra, elas se organizaram em comissões por alguns bairros no Rio, regiões e estados do Brasil, mantendo também contato com outros países. A sua primeira finalidade foi ajudar os “órfãos de guerra” (associação perdurou até 1952), e só depois se deu a criação da colônia *Kinderland* (1950). Conforme depoimento das primeiras ativistas: “Assim, nós reunimos mulheres que queriam participar nessa ajuda aos órfãos. Ligamo-nos a organizações europeias que faziam esse trabalho. Uma delas foi a Union de Paris. Quem nos ajudou muito foi o YKUF (*Idicher Kultur Farband*). Através do YKUF, nós juntávamos roupas e dinheiro.”

O referido grupo desenvolvia várias atividades culturais – como Círculo de Leitura (o *Lein Kraizn*), encontros nacionais, debates sobre a ordem social vigente e a cultura –, e também participava das atividades da BIBSA, além de angariar contribuições financeiras para o jornal *Unzer Stime* (Nossa Voz).

Os círculos de leitura eram organizados por temas políticos e havia um debate ávido sobre o mundo pós-guerra, inspirado em artigos da imprensa nacional e internacional e da literatura ídiche. Entretanto, nas épocas de maior perseguição política, as leituras passaram para temas *mais literários*. Paralelamente às atividades da AFIB, existia também o *clubinho I Peretz*, no qual

adolescentes a partir de 13 anos participavam de atividades culturais (teatros, cinemas, palestras) seguidas de amplo debate.

Em 1950, a primeira colônia de férias reuniu 65 crianças em um hotel em Lindóia, Minas Gerais, visando ser, inicialmente, assistencialista com crianças vítimas da guerra – ideal este trazido por Lea Goldenstein, quando esteve em Paris. Em 1952, em Congresso Nacional, resolveu-se fundar uma Colônia de Férias com o nome de *Kinderland*, que, composta por coordenadores, monitores e colonistas, organizou um curso de formação, procurando transmitir conhecimentos sobre a criança, as atividades a serem desenvolvidas e o espírito de coletividade; isto é, uma ideia de grupo, de convivência grupal como um *shtetl* (aldeia).

Uma escola em construção. Por uma ideia de coletividade

A luta entre setores ídichistas e socialistas nas instituições judaicas cariocas também encontrava resistência por parte das correntes hebraístas/sionistas. Lembramos que a formação de uma rede escolar judaica provocou um confronto entre sionistas/hebraístas e anti-sionistas/ídichistas, o que torna evidente que diferenças políticas eram expressas através de diferenças linguísticas e culturais, as quais se refletiam nos distintos sistemas de ensino e nas diferentes instituições formadas por cada segmento da comunidade.

Podemos observar de que modo a história das suas escolas, colônias e grupos de atividades estão relacionadas ao modo como os segmentos sionistas e socialistas, existentes na mesma comunidade, diferenciavam-se internamente.

Apesar de não se identificarem com o rótulo de “sionistas”, eles viam o Estado de Israel como um lugar para a cultura judaica e para a crença numa experiência de revolução universal/internacional – crença esta baseada em seus ideais comunistas. Para esses segmentos, a fundação do Estado de Israel é um fato laico, sendo entendido como um encontro das várias e milenares diásporas da cultura judaica; um ponto de encontro no qual poderiam desenvolver tudo aquilo que foi impossibilitado pelas perseguições sofridas.

Vemos, portanto, que eles não concordavam com os sionistas da própria comunidade, que tinham uma orientação mais religiosa e mais restrita, no que diz respeito à interação com outros segmentos não judaicos. E tampouco concordavam com as demandas dos movimentos juvenis *Hashomer Hatzair* e *Dror*, surgidos no Brasil na década de 1940, período de maior mobilização da comunidade em torno da criação do Estado de Israel.

Os ativistas da ASA e do ICIB também tinham como espelho para a construção de sua identidade, os demais movimentos juvenis judaicos, que competiam entre si na busca de novos adeptos. Suas diferenças ideológicas e políticas eram acentuadas publicamente, com discussões acaloradas. O *Dror* divergia do *Hashomer Hatzair* – outro movimento juvenil, ligado ao partido israelense *Mapam* (Partido Obreiro Unido) – por este ser favorável a um Estado binacional árabe e judeu, socialista e politicamente ligado à União Soviética. O *Dror* era contrário a qualquer ideia de ligar-se ao bloco comunista, ou mesmo

de tomar partido por qualquer dos blocos antagônicos (EUA e URSS) durante a Guerra Fria.

Não obstante o *Hashomer* ser mais próximo dos ativistas da ASA e do ICIB, devido aos ideais socialistas, havia discordância entre eles quanto aos desdobramentos da política de Israel. Encontramos estas críticas especialmente nas matérias sobre os *kibutzim*, produzidas pelos jornais *Nossa Voz* e *O Reflexo*, expoentes da imprensa do ICUF. Os partidários do *Hashomer* concordavam que os ideais socialistas deveriam ser implantados em Israel; portanto, para seus ativistas, era fundamental transmitir uma educação judaica e promover uma luta contra a assimilação nas diversas comunidades da Diáspora – elementos que distanciavam seus ativistas dos propósitos pertencentes à ASA e ao ICIB.

Não obstante a importância do ídiche, para a cultura e vivência política judaicas da Europa Oriental, Sendacz (2005, p. 21) nos lembra que o ídiche era uma língua desprezada pelo movimento sionista, como sendo a língua do exílio (*galut*), que simbolizava a imagem de um judeu “medroso e fraco”; ou seja, o ídiche expressava a mentalidade da Diáspora. Em contrapartida, o hebraico era considerado, pelas correntes mais sionistas, a língua do Estado Judaico, que não mais refletia o universo da Diáspora vivido pela maioria das populações judaicas.

Segundo depoimento de Max Altman, a comunidade judaica de São Paulo foi cada vez mais se aproximando do sionismo; e as posições políticas críticas tornaram a Casa do Povo uma voz isolada na política comunitária – o que mostra que o colégio era mantido pelas contribuições de seus ativistas, não tendo apoio material por parte das demais instituições. Nesse período, destacamos o papel de Elisa Abramovich, como uma das lideranças fundamentais na concepção da escola e das demais atividades da Casa do Povo.

Elisa Abramovich foi líder comunista, e, em 1947, elegeu-se vereadora pelo Partido Socialista Trabalhista, em São Paulo, mas não chegou a tomar posse. Em 1948, antes da cassação, a bancada comunista era a maior de todas na Câmara de Vereadores. Os comunistas considerados ilegais buscaram outras legendas.

Abramovich ingressou na Ofidas (Organização Feminina Israelita de Assistência Social), entidade que cuidava dos judeus sobreviventes do Holocausto, e que também recebeu judeus egípcios, vindos do governo Nasser, e de vários países árabes, como Argélia e Marrocos, além de judeus russos. Abramovich morreu em 1963, aos 42 anos de idade, deixando um legado vital na constituição da escola Scholem Aleichem, que dirigiu entre os anos de 1958 a 1962. Sua forte presença no colégio conferiu ao mesmo as características que marcaram a sua história. Autodidata, sua experiência na militância comunista incitou a necessidade de unir teoria à prática, rompendo com o sistema de educação formal.

O Colégio Scholem Aleichem (CSA) foi fundado na cidade do Rio de Janeiro, em 1928, por um grupo de ativistas da Biblioteca Scholem Aleichem (BIBSA), que visavam criar um educandário capaz de transmitir, além das matérias obrigatórias do currículo oficial brasileiro, a perpetuação dos seguintes elementos da cultura

judaica: o idioma ídiche, a história do povo judeu numa perspectiva histórica e não religiosa, o laicismo, o humanismo, e o “progressismo” –; sempre com a perspectiva de formar cidadãos capazes de perceber o judaísmo enquanto identidade cultural, mas, ao mesmo tempo, agentes integrantes da cultura local, de modo a participarem das lutas, das conquistas sociopolíticas das sociedades em que estavam inseridos.

O mesmo ideário estava presente no CSA de São Paulo, criado em 1949: isto é, buscar a disseminação dos “ideais antifascistas e progressistas no cenário social brasileiro, por meio de uma educação pluralista e inovadora”; perfil mantido até o encerramento de suas atividades, em 1981.

Podemos considerar que os principais ativistas e seus sucessores viam no Colégio um veículo importante de transmissão, entre as gerações, dos valores imensuráveis da *cultura ídichista*, visando à “libertação, a conscientização do indivíduo para as causas reais e sociais da injustiça”. Neste sentido, eles buscavam um caminho paradoxal à assimilação à sociedade brasileira, sem, entretanto, *abrir mão* da preservação de uma cultura progressista originária da Europa Oriental.

História era uma das disciplinas mais importantes do currículo e a que melhor se relacionava às demais, com muitos exemplos comparados à realidade brasileira. O depoimento de Fanny Abramovic, ex-diretora do Colégio Scholem Aleichem de São Paulo, mostra que a ideia de libertação, presente na história do *Pessach*, está associada à Abolição da Escravatura no Brasil e à Inconfidência Mineira, e, especialmente, ao papel libertador de Tiradentes, no Brasil. Em ambas ideias, associava-se a concepção de liberdade como parte de um processo de justiça social. O *Purim* – a libertação dos judeus da tirania de Haman (o grão-vizir persa) pelas artes da rainha Ester – ligava-se ao Carnaval, assim como a *Chanuká* – a revolta dos macabeus contra o império macedônico, de Alexandre, o grande – relacionava-se às festas de fim de ano, Natal e Ano Novo (CHARNIS et al., 2008, p.39).

No currículo escolar, a ênfase era dada à história do povo judeu, à literatura ídiche e ao domínio do idioma. A celebração das festas judaicas ressaltava o caráter combativo e os valores de liberdade associados a uma leitura histórica da tradição, que em nenhum momento se “descolava da realidade brasileira”.

O Colégio era judaico. Entretanto, por apresentar um alto nível educacional, era frequentado também por alunos de diferentes origens, muitos não apenas moradores da região, mas de diferentes áreas da cidade; assim, havia também judeus alemães, descendentes de italianos moradores do bairro do Bom Retiro, e brasileiros. Muitos procuravam o Colégio por ele estar situado entre os melhores da época, concorrendo com as escolas consideradas de vanguarda; e, além disso, pelas afinidades com o ideário do partido comunista, sendo que muitos filhos de ativistas do partido foram ali acolhidos por questões de segurança.

Luedemann (CHARNIS et al., 2008) mostra que o método de Anton Makarenko, pedagogo ucraniano que viveu entre os anos de 1888 e 1939, e presenciou a derrubada do império czarista e da dominação da Ucrânia, além

da Revolução Russa, era um dos fundamentos pedagógicos do Colégio. Nesse sentido, a leitura e o registro dos seus leitores constituem um meio de recuperar a interpretação histórica e compreender como estes se apropriaram e recriaram um modo pedagógico de pensar uma escola considerada vanguarda.

Ainda segundo a autora acima mencionada, tanto Elisa, quanto sua filha, e também educadora, Fanny Abramovic, foram imbuídas da leitura de Makarenko e se inspiraram em suas ideias de *processo* e de *jogo*, para o desenvolvimento do trabalho na escola. A autora, ao tratar a ideia de *processo*, mostra que a organização do coletivo de educadores e de alunos é baseada nos conflitos do cotidiano, propondo a educação inclusiva (todos os grupos étnicos, sem dogmatismo religioso e sem intolerâncias) e a necessidade do debate pedagógico, ao invés do dogmatismo teórico.

O conceito de *jogo* é visto como a educação pode ser pensada no seu aspecto lúdico, e de extrema importância para o desenvolvimento de cada criança e para a vida da coletividade. As ideias de processo e liberdade de criação são conceitos-chaves para a compreensão, não somente da leitura de Elisa e Fanny Abramovic sobre Makarenko, mas também se desdobram em várias percepções e atitudes de diversos profissionais atuantes no Colégio.

Em vários depoimentos, depreende-se que a “escola não invocava teorias pra ensinar. Não se pendurava nelas. As coisas iam sendo feitas na hora. Não era na improvisação. Era um sistema que exigia o conhecimento flexível da área específica, que esperava um determinado tipo de envolvimento político – estávamos no começo de um período.”

A concepção de processo está sempre presente, como o atesta um dos depoimentos: “Foi ali que aprendi na prática o que haviam tentado me transmitir nas aulas de didática, de maneira antididática.” Se Makarenko, em *O poema pedagógico*, não traz fórmulas, e sim, narrativas de processos, as experiências vividas no Scholem reivindicam para si essa potência.

Além de Makarenko, o Colégio tinha também a literatura ídiche como grande referência. Juntamente com Scholem Rabinovitch, temos I. L. Peretz e Mendele Mocher Sforim (1836-1917), os três clássicos da literatura ídiche, lembrados e acionados como símbolos étnicos desse segmento da comunidade judaica. Sua literatura, suas trajetórias de vida e suas histórias são lembradas como parte desse patrimônio linguístico e político⁵. Seus personagens são provincianos, quixotescos, cômicos, e reagem de modo *por vezes infantil*, porém impetuoso, às mudanças de várias ordens que adentram as suas vidas.

Scholem Rabinovitch, considerado o *Mark Twain judeu*, o cronista dos *shtetls*, que elevou a língua à condição de um idioma *universal*, retratou a tragédia de seu tempo, especialmente a vida judaica da passagem do século XIX, e início do século XX; como também a realidade da Rússia czarista e do antissemitismo, dos *Pogroms* e das transformações sociais e políticas vividas pelos judeus de todas as cidades do Leste Europeu, que ele chamava metaforicamente de *Kasrilevke*.

Um de seus personagens mais célebres é Tevie Der Milchiker, morador de

uma aldeia e judeu simples, mas de *natureza filosófica*, por meio do qual o autor retrata um povo com uma visão humorística do mundo e que ri de si mesmo. Não obstante ser um judeu tradicional, o personagem não está ausente das mudanças do mundo e busca compreender a influência das ideias socialistas sobre as novas gerações, ao aceitar o casamento de sua filha com um jovem que é preso e exilado na Sibéria. Quando é expulso da sua aldeia pelo regime czarista, o personagem assiste à barbárie com olhar irônico e com desprezo pela insignificância humana de seus opositores, indagando-se de que modo toda essa cultura é vivida por aqueles que contribuíram para a formação das futuras gerações?

O perfil da escola também se delinea nos depoimentos de professores, como Tatiana Belinsky e Ilna Ortega, respectivamente professoras de teatro e música. A primeira, reconhecida autora de livros infantis, era contadora de história e frequentadora das atividades do Scholem. A segunda era professora de iniciação musical. A música era complementar às demais disciplinas, e era o elemento principal, pois “se ensinava música, fazendo música”; nesse caminho, as crianças vivenciavam aquilo que a professora Ilna queria que os alunos aprendessem: “aprender música era aprender a ser um bom ouvinte e a se deliciar com a música, educando os sentidos para a diferença entre barulho e som”.

Para muitos, a escola era uma extensão da casa; um patrimônio que lhes era familiar. Muitas famílias chegaram a São Paulo nos anos 1920, sem dinheiro, mas cheias de ideias e livros. Belinsky, que chegara ao Brasil falando russo, ídiche e alemão, lembra que era apaixonada por Scholem Aleichem, desde seus quatro anos de idade. Em sua casa, a mesa do jantar era uma “mesa redonda”, onde não havia temas proibidos: discutia-se de política a literatura. Belinsky lembra que seus pais discutiam e divergiam o tempo todo, e que isso criou sua “panorâmica sobre o mundo”, pois ela pensava que não obstante serem tão diferentes, ambos tinham razão.

Muitas vezes, exercer essas atividades e viver nessas instituições não está dissociado da própria vivência dos fatos históricos, e muitos relatos memorialistas acentuam essa dimensão dos participantes de uma história simultaneamente nacional e internacional, marcada por uma contraditória vocação para a Diáspora; pois, ao mesmo tempo em que eles revivem todo um modo de ser da cultura judaica oriental diaspórica, veem-se como judeus brasileiros, assimilados a uma sociedade para a qual contribuíram com seu ethos do trabalho e com a formação de uma intelectualidade cultural e política.

Cabe lembrar que Glazer e Moynihan (1975) ressaltam o uso de aspectos étnicos como fundamentais para a obtenção ou defesa de objetivos políticos comuns. Ambos autores mostram que a etnicidade não é apenas um instrumento para se lutar pelos interesses, mas sua efetividade está no fato de que, além de ser um instrumento adequado para tanto, ele também combina e mobiliza laços afetivos.

Nesse sentido, tratar da importância de instituições que ressaltavam uma escrita e cultura ídiche enfatiza o forte caráter político que a mesma possuía

em seu contexto original, e o modo como este é apropriado pelos imigrantes e seus descendentes no contexto brasileiro. Cultura e política são, portanto, palavras pensadas e vividas como indissociáveis por esses ativistas, tanto em suas entrevistas, quanto nos seus escritos sobre a história que refazem de seu próprio grupo.

Notas

1 - Neste artigo, denominaremos a Associação Scholem Aleichem sob a sigla ASA; a Biblioteca Scholem Aleichem, como BIBSA; o Instituto Cultural Israelita Brasileiro, como ICIB; a Associação Feminina Israelita Brasileira, como AFIB; e o Colégio Scholem Aleichem, como CSA.

2 - Vemos a importância do uso da língua na definição identitária deste segmento, no interior da comunidade judaica mais ampla. O termo ídiche origina-se de *Jüdisch*, que, em alemão, significa judaico. Para Guinsburg (1996), além do hebraico, o ídiche, também chamado de *Taytsh*, é a língua primordial que define a identidade dos judeus. Muito apropriadamente, ele a define como “uma língua errante”, ou uma “língua passaporte”. O ídiche, *dialeto judeu-alemão*, predomina entre os *aschkenazi* da região europeia-ocidental e europeia-oriental, incluindo o *pale* (zona de residência obrigatória para os judeus russos). Os homens eram educados no hebraico, a língua dos livros sagrados, aos quais as mulheres, assim como os menos letrados, não tinham acesso. O ídiche era falado pelas mulheres e se tornou a língua popular, usada em família; a forma de comunicação com os filhos; a língua do cotidiano. A escrita do ídiche se fez com caracteres hebraicos. O autor afirma que o ídiche, mais o hebraico e o aramaico, são a base do “universo cultural construído na esfera de *Aschkenaz*”, e que ele “se torna componente estrutural desta sociedade” (GUINSBURG, 1996, p. 32-33). Assim como se usou o hebraico juntamente com o aramaico e o ídiche, outras línguas também foram sendo incorporadas. No ramo sefardita, o ladino teve o mesmo papel de expressão cultural escrita e oral. Cabe apenas ressaltarmos que, atualmente, o ídiche é também falado pelos membros do movimento ortodoxo *Naturei Karta*, originado de judeus húngaros e lituanos que se estabeleceram na cidade velha de Jerusalém, no século XIX. Seus participantes se afirmam como contrários ao sionismo que culminou na criação do estado de Israel, sendo possível a existência do Estado somente com a chegada do Messias. Eles não usam o hebraico no cotidiano, por considerarem-no estritamente sagrado, mas sim o ídiche. Muitos deles são letrados no velho aramaico dos livros de estudos e orações. Para maiores informações sobre o *Naturei Karta* e seu recente e polêmico apoio à conferência do Irã, que questionou o Holocausto, ver matérias de jornais, especialmente do Jornal *O Globo*, do dia 17 de dezembro de 2006.

3 - Segundo Finzi (1982, p.291), em 1897, temos a fundação do *Bund* (Confederação Geral dos Operários Judeus de Lituânia, Polônia e Rússia), fato que expressa a notável presença judaica no nascimento do movimento socialista e da organização da classe operária russa.

4 – O Boletim em ídiche *Der Unhoib* (O Começo), publicado no estado do Rio de Janeiro; os jornais *Unzer Shtime* (Nossa Voz) e *O reflexo*, em São Paulo (este último, escrito todo em português, mas com matérias sobre o ídiche e alguns pequenos textos em ídiche); o jornal *Unzer Fraint* (Nosso Companheiro), no Uruguai, e *Di Presse* (A Imprensa), na Argentina.

5 - Em 1978, Isaac Singer, considerado prêmio Nobel de literatura, escrevia inicialmente em ídiche, antes de ser publicado em inglês.

Fontes

Entrevistas concedidas por ativistas da ASA e do ICIB.
Boletim da ASA – 1990/2006.

Referências

- BLAY, Eva. Inquisição, inquisições: aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30. *Tempo Social* - Revista de Sociologia da USP. São Paulo: USP, 1(1), 1989, p. 105-130.
- CHARNIS, Cristina Catalina et al. *Vanguarda Pedagógica: o legado do Ginásio Israelita Brasileiro Scholem Aleichem*. São Paulo: Lettera.doc, 2008.
- FINZI, Roberto. Uma anomalia nacional: a questão judaica. In: HOBBSAWM, Eric (org.) *História do Marxismo*. Trad. Carlos Nelson Coutinho et al. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.
- GLAZER, Nathan & MOYNIHAN, Daniel P. *Ethnicity Theory and Experience*. Cambridge Massachusetts and London England: Harvard University Press, 1975.
- GUINSBURG, Jacob. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.
- HAMADANI, K. Kolber Gisele et al. Scholem Aleichem: uma vanguarda pedagógica. *Revista 18*. São Paulo, 2006.
- LUEDEMANN, Cecília da Silveira. *Anton Makarenko: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
- SENDACZ, José. *Um homem do mundo*. São Paulo: Ed. do Autor, 2005.

RESUMO

Este artigo analisa a vida e a importância de ativistas de esquerda europeia e nacional, na elaboração de uma identidade judaica progressista e libertária, base da formação, entre os anos 1910 e 1920, da Associação Scholem Aleichem (ASA) e da Casa do Povo ou Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), instituições atualmente situadas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente. Muitos deles vieram por motivos econômicos, mas, os principais fatores para o seu deslocamento foram as ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, e a crescente ascensão do antissemitismo, e de suas militâncias nos partidos comunistas e no *Bund*. Os jornais e demais documentos, bem como entrevistas feitas com os ativistas constituem as fontes analisadas neste artigo. As posturas políticas, o modo como organizavam as atividades em ambas as associações, suas ideias sobre identidade e educação (formação de uma rede escolar própria) são dados considerados para a compreensão do que o grupo concebe como identidade étnica e social.

Palavras-chave: comunidade judaica; identidade étnica; cultura judaica.

ABSTRACT

This article analyzes the life and importance of left-wing European and Brazilian activists in the creation of a progressist Jewish identity, basis for the formation of Associação Scholem Aleichem (ASA) and Casa do Povo or Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), institutions located in the cities of Rio de Janeiro and São Paulo. These institutions were created by generations of Jewish immigrants from Eastern Europe, identified to political and social causes from national and international left-wing parties.

Newspapers and other documents, as well as interviews with activists, are the sources analyzed in this article. The political opinions, the way they organized the activities in both institutions, their ideas about identity and education (formation of their own schools) are considered to understand the social and ethnic identity of the group.

Keywords: jewish community; ethnic identity; jewish culture.